

## **A MISERICÓRDIA À LUZ DOS ESCRITOS PAULINOS**

*Flávio Henrique de Oliveira Silva\**

### **Resumo**

*O primeiro século é o retrato preciso de um mundo sem compaixão, dominado pela violência. As instituições de poder da época eram claras representações desta realidade. De um lado, a sede de conquista redundava na negligência do Império Romano com a vida humana, reduzindo-a aos seus interesses, através de métodos impiedosos. De outro lado, os movimentos religiosos eram incapazes de encontrar em suas divindades qualquer sinal de compaixão. Sendo assim, reproduziam em suas relações a imagem sombria daqueles a quem adoravam. Em reação a tudo isso, os escritos paulinos apontavam caminhos de resistência, convidando seus leitores(as) a reavaliar seus valores interpessoais e transcendentais, a partir do princípio fundamental da misericórdia. As relações humanas não deveriam, portanto, retratar o sistema estabelecido ou harmonizar-se a ele. Deus Pai mostrou-se, essencialmente, misericordioso e compassivo e assim deveria ser conhecido e imitado.*

**Palavras-chave:** *Misericórdia. Escritos paulinos. Primeiro século.*

### **Abstract**

*The first century is the accurate portrayal of a world without compassion, dominated by violence. The institutions of power in that time were clear representations of this reality. On one side, the thirst for conquest resulted in negligence with the human life by the Roman Empire, reducing it to their interests, through ruthless methods. On the other side, the religious movements were unable to find in their divinities any sign of compassion. Therefore, they used to reproduce in their relations the shadowy image from*

\* Mestre e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor da Faculdade Teológica Sul-Americana.

*the ones they used to adore. In reaction to all this, the Pauline scriptures pointed out ways of resistance, inviting their readers to reevaluate their interpersonal and transcendent values, from the fundamental principle of mercy. Thus, the human relations should not represent the set up system or arrange with it. God the Father showed himself, essentially, merciful and compassionate and should be known and imitated like that.*

**Keywords:** *Mercy. Pauline scriptures. First century.*

## 1. Introdução

Conforme o título, o interesse neste artigo é caminhar pelos textos paulinos, tentando compreender o tema da misericórdia à luz do que escreveu o apóstolo. Para tanto, farei inicialmente um breve exame da palavra “misericórdia”, de acordo com o texto grego, analisando suas principais formas, significados e desdobramentos.

Em seguida, olharei para o tema a partir da perspectiva paulina e sua possível incompatibilidade com o mundo greco-romano. Um ambiente hostil estruturado a partir de valores contrários a qualquer sinal de compaixão e piedade. Neste contexto, merece atenção o modelo administrativo adotado pelo Império Romano. Em sua agenda de conquista e colonização, o princípio da misericórdia era sufocado e considerar sua prática parecia um ideal distante.

Já entre as principais religiões da época o conceito de misericórdia estava em contraposição ao pensamento paulino em pelo menos três perspectivas: (1) não fazia parte do discurso fundamental; (2) era tratado com negligência; (3) era instrumento de manipulação. Para o senso comum prevalecia a noção de que as divindades, encarnadas na figura dos poderosos, agiriam de forma piedosa ou não a partir de um discurso muito bem difundido, cujo fundamento era a lógica da retribuição.

Reagindo a este ambiente, Paulo entendia que a misericórdia era um valor absoluto e um alicerce indispensável. Deus Pai é essencialmente misericordioso e age conforme sua natureza. Para o apóstolo, os vínculos humanos deveriam ser também pautados por este valor, sem o qual haveria espaços para relações desumanas, de abuso, legitimadoras de processos contrários à vida.

As instituições de poder, fomentadoras da impiedade, permanecem vivas, atuantes – ainda que com outras roupagens – e devem ser questionadas e denunciadas. A misericórdia à luz dos escritos paulinos, portanto, é uma leitura atual, necessária e um bom paradigma de oposição ao *status* estabelecido. De maneira despreziosa, espero com este artigo contribuir com essa discussão e, quem sabe, abrir caminhos para outros textos e reflexões.

## 2. O uso da palavra misericórdia nos escritos paulinos<sup>1</sup>

É pertinente iniciar este estudo situando-o a partir do sentido da palavra “misericórdia” conforme aparece no texto grego neotestamentário. Nos escritos paulinos destacam-se, pelo menos, quatro palavras que podem ser traduzidas por misericórdia, e de fato o são, em boa parte dos textos em língua portuguesa. Além disso, é importante considerar os desdobramentos de cada uma delas e seus contextos, para que a compreensão do tema ganhe contornos mais adequados e, dessa forma, o entendimento a seu respeito seja mais amplo. Cabe aqui, portanto, a observação de cada uma das palavras, as quais serão analisadas a partir de sua forma lexical.

A primeira delas é *’éleos*. Ela aparece, normalmente, como substantivo e indica: misericórdia, piedade, compaixão, clemência. Paulo, em seus escritos, usou várias vezes este termo caracterizando-o, por exemplo, como sinônimo do caráter divino que, ao lidar com seres humanos merecedores de sua ira, encontraram, ao invés disso, misericórdia (Rm 9,23). Mostra-se ainda, segundo o apóstolo, como única resposta cabível da parte de Deus à desobediência – quer de judeus, quer de gentios – para que a salvação fosse, então, possível (Rm 11,31). Além disso, é citada como motivo pelo qual os gentios deveriam glorificar o nome de Deus (Rm 15,9).

Assim como a paz, *’éleos* – misericórdia acompanharia aqueles que caminhassem na certeza de que nem circuncisão ou incircuncisão, “mas o ser nova criatura” é que seria o selo que identificaria o povo de Deus (Gl 6,16). Na epístola que escreveu aos Efésios (2,1-7), o apóstolo defende que a vida foi derramada como reação à morte causada pelo pecado. Ele explica que essa iniciativa pela vida só poderia partir de um Deus que é “rico em misericórdia” (Ef 2,4). Já na epístola que escreveu a Tito, Paulo destaca a manifestação da bondade e do amor de Deus para com todos (3,4). Ele então mostra que a iniciativa divina não foi despertada pelas obras de justiça, praticadas pelos seres humanos. Antes, porém, é fruto da misericórdia do Senhor (Tt 3,5).

*’Éleos* fazia parte também da linguagem em forma de preces utilizada por Paulo. Na segunda epístola que escreveu a Timóteo, pediu ao Senhor que concedesse ao encorajador, consolador e amigo Onesíforo única e tão somente a misericórdia e que “naquele Dia encontre misericórdia da parte do Senhor” (2Tm 1,16.18). Ainda nos escritos a Timóteo, observa-se a mesma fórmula nas saudações que o apóstolo faz em ambas as epístolas. Ele invoca a misericórdia, aliada à

1. Meu interesse neste tópico é apenas pelas palavras que se referem à misericórdia, na forma em que estão nos textos atribuídos a Paulo. Portanto, me referirei às epístolas paulinas e aos conteúdos analisados como sendo de autoria do apóstolo, sem levar em consideração as discussões, sempre pertinentes, a respeito da autoria dos textos, já que fogem do escopo deste artigo.

graça e à paz, de Deus e Jesus Cristo, adotando e expandindo “fórmulas judaicas de saudação”<sup>2</sup>.

Deus não “é” apenas rico em misericórdia (Ef 2,4). Além disso, “age” com misericórdia. É o que aponta a segunda palavra deste estudo, traduzida por misericórdia/compaixão: (*'eleēō*). Ela aparece, normalmente, como verbo e indica: obter/alcançar/receber misericórdia, ter/mostrar compaixão, praticar atos de bondade/caridade, usar de misericórdia, exercer misericórdia. Edward Robinson entende que a implicação de *eleēō* não é “meramente simpatia pelos males de outras pessoas, mas também um desejo ativo de remoção deles”<sup>3</sup>.

Parece evidente, portanto, que as definições, de forma geral, estão longe de limitar o conceito de *'eleēō* (misericórdia) a algo subjetivo. Pelo contrário! Nota-se uma ação. Nesta perspectiva, alguns estudiosos afirmam que as possibilidades de sentido podem ser remetidas, por exemplo, a um exercício que vai ao encontro de “alguém que se encontra em sérias dificuldades”<sup>4</sup>. Logo abaixo estão os escritos de Paulo em que aparece esta expressão. Eles, por si sós, podem confirmar esta tese.

Na epístola que escreveu aos romanos, na mesma perícopa (Rm 11,25-32), Paulo se refere à “misericórdia” em dois momentos. Primeiro, mostra que a resposta à desobediência humana não foi a punição. Antes, aqueles(as) que mereciam a ira “alcançaram misericórdia” da parte de Deus (11,30). A palavra aparece novamente (11,32), enfatizando a mesma temática. Dessa vez, o verbo se refere ao Senhor “usando de misericórdia”, uma espécie de instrumento, para com todos.

Por fim, ao se referir aos dons e sua utilidade para o corpo de Cristo, o apóstolo é enfático quanto à alegria que deve acompanhar aqueles(as) que exercem misericórdia (Rm 12,8). Segundo Edward Robinson, nesse contexto, o termo era “usado para aqueles(as) que cuidavam dos pobres”<sup>5</sup>. Nota-se neste texto que, pela primeira vez na epístola aos Romanos, *'eleēō* (de forma direta) não parte de uma ação divina. Isto indica que o exercício da misericórdia estava sendo compartilhado em forma de desafio/estímulo para as relações interpessoais e que o ser humano, que até então era apenas objeto da misericórdia, se tornaria o sujeito da ação – ideia de “passarem adiante a misericórdia que experimentaram”<sup>6</sup>.

2. BROWN, C.; COENEN, L. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1.298.

3. ROBINSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 296.

4. LOUW, J.P.; NIDA, E.A. (Eds.). *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 668.

5. ROBINSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*, p. 297.

6. BROWN; COENEN, *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 1.298.

Na segunda epístola que enviou aos coríntios, Paulo fez questão de mencionar que seu ministério, e o fato de permanecer nele sem desfalecer, era uma realidade graças à misericórdia recebida (2Cor 4,1). Já na epístola aos filipenses, a palavra *'eleéō* é normalmente traduzida por compaixão. “Com efeito, adoeceu mortalmente; Deus, porém, se compadeceu dele e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza” (Fl 2,27). O texto descreve a compaixão/misericórdia como reação divina em um momento de dor e angústia: Epafrodito (doença mortal) e o próprio Paulo (tristeza). Ao comentar este texto, alguns estudiosos arriscam dizer que a “misericórdia de Deus pode curar”<sup>7</sup>.

Na primeira epístola a Timóteo, *'eleéō* aparece por duas vezes. O apóstolo descreve sua experiência e destaca que a designação para o ministério e o antídoto para o seu passado, cuja condição era de perseguidor, blasfemo e insolente, foi a obtenção de misericórdia (1Tm 1,13). O verbo aparece novamente, logo em seguida, na mesma perícopé. Paulo explica a ação salvífica de Cristo Jesus em favor dos pecadores, dos quais ele se considerava o principal (1,15). Em seguida, destaca que, por esta razão (condição de principal pecador), a misericórdia foi lhe concedida. Além disso, faz questão de ressaltar que a ação da *'eleéō* em sua vida evidenciava o caráter longânime de Jesus Cristo (1Tm 1,16).

A terceira palavra comumente traduzida por misericórdia é *oiktirmós*. Ela aparece quatro vezes nos escritos paulinos e é sempre classificada como substantivo. As possibilidades de sentido são: “ter misericórdia, com a implicação de ser sensível e compassivo – ter misericórdia de..., ter compaixão de..., misericórdia, ternos afetos de compaixão (bondade)”<sup>8</sup>.

Nos escritos de Paulo aos romanos, *oiktirmós* (misericórdias) aparece como uma espécie de autoridade argumentativa para a súplica exortativa feita pelo apóstolo: “rogo-vos, pois, pelas misericórdias de Deus” (Rm 12,1). Já na segunda epístola aos coríntios, Paulo se refere a Deus como o “Pai de misericórdias” (2Cor 1,3). Entre tantas considerações cabíveis neste texto, é significativo notar que a paternidade divina é descrita a partir de um caráter misericordioso/sensível/compassivo.

Na epístola que escreveu aos filipenses, Paulo os desafiou a uma série de compromissos comunitários: “...penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento” (Fl 2,2). Pois bem, ele partiu do princípio de que tudo isto era possível já que, entre outras coisas (apelo em Cristo, consolação de amor, comunhão de espírito – espírito solidário), existia na comunidade “entranhados afetos e misericórdias” – ternura e compaixão – (Fl 2,1). Percebe-se, portanto, que a misericórdia/compaixão nesse caso é um tipo de condicional, sem a qual qualquer desafio comunitário se tornaria inviável.

7. BROWN; COENEN, *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 1.298.

8. LOUW; NIDA, *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*, p. 668.

Por fim, *oiktirmós* aparece na epístola que Paulo escreveu aos colossenses (3,12). Trata-se de um dos conteúdos (virtudes) a que se refere o imperativo revesti-vos. “Revesti-vos de... ternos afetos de misericórdia (sentimentos de compaixão; compaixão entranhável) ...” Assim como aos filipenses, a misericórdia/compaixão era um estímulo comunitário aos colossenses. Ao comentar o texto e se referir à lista de virtudes que nele aparece – lista que inclui os *oiktirmós* (“ternos afetos de misericórdia”), além de bondade, humildade, mansidão e longanimidade –, José Comblin entende que tal lista “corresponde a tudo o que é necessário para viver em comunidade. São as bases da convivência humana”<sup>9</sup>.

A quarta e última palavra é *splángxnon* ou *splángxna*. Pode ser traduzida por: entranhas, partes internas do corpo, sede de piedade, coração, amor, misericórdia, compaixão, terna afeição. Nos escritos paulinos *splángxna* “se refere à totalidade do ser humano e sua capacidade de amar. [...] A tradução frequente, “coração”, é apropriada, se entendemos o coração como sendo o centro da ação amorosa”<sup>10</sup>. Em um dos textos mais significativos em que aparece essa expressão, “Paulo acusa seus leitores de darem apenas espaço limitado à sua capacidade de amarem (de serem misericordiosos)”<sup>11</sup>. Diz o texto: “... estais limitados em vossos próprios afetos” (2Cor 6,12). Ou, em outras versões, “... vocês têm o coração estreito”.

Pois bem, parece razoável concluir este tópico sintetizando a tese central acerca da misericórdia em Paulo, a partir do uso que fez o apóstolo de cada palavra, conforme analisada: (1) A misericórdia é um atributo divino. Deus é rico em misericórdia, Pai de misericórdias, e não pode negar a si mesmo no trato com suas criaturas; (2) Deus age com misericórdia e, assim, convoca os que receberam misericórdia a serem misericordiosos, nos mesmos moldes; (3) Um dos alicerces da vida social e comunitária é a misericórdia. Sem a qual toda a relação se torna desumana, desarmônica; (4) O desafio da comunidade, e de cada integrante da mesma, é: a vitória sobre a indiferença/desamor em cada coração; a superação da limitação, tanto do olhar como do movimento de compaixão e misericórdia em direção ao próximo.

### 3. A misericórdia no mundo greco-romano

Paulo viveu e atuou no primeiro século da era cristã. Período marcado, já anteriormente, pelas políticas dos grandes impérios. É preciso ressaltar que na antiguidade os grandes impérios obtinham suas conquistas e estabeleciam suas formas de governo através da força e da impiedade; a misericórdia, certamente,

9. COMBLIN, J. *Epístola aos Colossenses e epístola a Filêmon*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 69.

10. BROWN; COENEN, *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 1.301.

11. BROWN; COENEN, *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 1.301.



não fazia parte da regra do jogo. Eles condenavam os povos dominados e são lembrados pela capacidade de fazer vítimas. A violação não era apenas um exercício de força física. Quando se leva em consideração a justiça e a igualdade entre semelhantes como referencial, facilmente percebem-se outras formas de abuso. Essas formas se manifestavam em relacionamentos humanos comprometedores, através de práticas econômicas, sociais, políticas, ideológicas e até mesmo religiosas. Tais práticas podem ser resumidas como manifestação e desencadeamento de um desejo egoísta de ter mais poder do que o outro, transformando-o em sua vítima.

Os dias do apóstolo foram marcados pela dominação e colonização de um dos maiores, mais cruel e incompassivo império e de todos os tempos. O Império Romano é lembrado na história pelo exercício da impiedade como tática comum em resposta ao anseio pela conquista, exploração e dominação. Conceitos como *oiktirmós*, por exemplo, cuja finalidade era a orientação das relações interpessoais a partir do princípio da misericórdia/compaixão, não estavam na pauta dos dominadores.

Era a partir das imposições imperiais que a vida dos povos subjugados deveria ser organizada. O poder romano e suas estratégias de controle era sinônimo de: (1) “exploração de recursos naturais e humanos”; (2) “violência física, sexual e psicológica contra todas as pessoas”; (3) “expansão e construção na base do trabalho escravo e da imposição de impostos e tributos”<sup>12</sup>. Alguns historiadores mencionam cadáveres e um ambiente extremamente sanguinário no qual muitos pagaram pelo desenvolvimento romano com a própria vida.

Na ampliação de seu domínio em grande parte do Mediterrâneo, o Império começava a propagar e trabalhar na afirmação de uma nova ordem mundial. Aparentemente uma ordem de pacificação, mas que se estabelecia através da exploração sistemática dos povos conquistados e com imposições de controles sociais arbitrários. Na medida em que se consolidava, a nova ordem mundial provava que suas bases eram incompatíveis com o valor da vida. Isso ganha notoriedade com a negligência de medidas de misericórdia/compaixão para com aqueles que não possuíam condições mínimas de subsistência. Pelo contrário, além da omissão, a nova ordem mundial sufocava os que não atendiam as imposições imperiais, sujeitando-os a toda forma de injustiça.

Para justificar os caminhos da nova ordem mundial, os detentores do poder tentavam convencer os povos vencidos através de argumentos em favor da civilização e do desenvolvimento ou através da divulgação de valores nobres; como a *pax romana*, por exemplo. Todavia, a ação imperial desenvolvida pelos romanos, em nome desta *pax*, não fazia jus ao real sentido do termo. É difícil imaginar

12. REIMER, I.R. *Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006, p. 74.

uma paz que se impõe através de armas e autoritarismo, ou seja, o discurso era contraditório, já que o “poder romano causava terror e insegurança, para então se oferecer e agir como refúgio e paz. [...] A paz estabelecida e mantida com meios militares é acompanhada de rios de sangue e lágrimas, cuja dimensão não se pode imaginar”<sup>13</sup>. Além disso, um ambiente sem compaixão, no qual reinava a impiedade, não pode ser considerado um espaço de paz. Em oposição à *pax romana*, “a dinâmica da paz neotestamentária é inseparável da dinâmica do amor”<sup>14</sup> e, a partir do conceito de *splángxnon* não ter um coração estreito, propõe a superação da incapacidade de olhar e agir com misericórdia.

Mas de que forma esses argumentos, tão claramente contraditórios, conseguiam se sustentar? Além da imposição armada, entre os motivos pesquisados, encontra-se o da “vontade do destino divino”, conforme propõe Wengst. O autor cita o exemplo do historiador judaico-romano Flávio Josefo para demonstrar a força de tal hipótese: “Flávio Josefo deixou-se impressionar tanto pelo poder de Roma, que até coloca Deus a favor do direito do mais forte, agora mesmo proclamando. Por conseguinte, os revoltosos judeus fazem guerra não só contra os romanos, mas também contra Deus”<sup>15</sup>.

No alicerce desse discurso estava o argumento de que o domínio que os romanos exerciam era um favor divino merecido por Roma por causa de sua piedade e justiça, isto é, os romanos tentavam ludibriar os povos subjugados legitimando suas ações e conquistas com base no desejo dos deuses e no bem que isso poderia gerar. Com base nesta tese não é difícil concluir que, além da insensibilidade e impiedade, havia uma estratégia para usurpar a consciência e o coração dos povos vencidos, fragilizados pela situação vigente.

As comunidades urbanas em que o apóstolo Paulo trabalhou não estavam imunes àquele mundo de hostilidades. Pelo contrário! Sofriam diretamente as consequências de um modelo governamental sem compaixão e ímpio. Em Tessalônica, capital da Macedônia e província romana, por exemplo, o regime escravagista opressor era uma forte realidade. Havia muitos trabalhadores escravos em estado de miséria. Ao que tudo indica qualquer discurso com indícios de misericórdia repercutia como utópico; ou como esperança apocalíptica.

A realidade de Corinto era bem parecida. A cidade “era um reflexo da realidade contraditória do Império Romano: de um lado, minorias opulentas a explorar o trabalho alheio, de outro, massas marginalizadas e desorientadas a lutar pela sobrevivência, sem dispor do próprio corpo, no caso dos escravos”<sup>16</sup>. A situação

13. WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 25.

14. BINGEMER, M.C.L. (Org.). *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001, p. 68.

15. WENGST, *Pax Romana*, p. 28.

16. HOEFELMANN, V. *Sociologia das comunidades de Paulo: Corinto, contradições e conflitos de uma comunidade urbana*. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 25, 1996, p. 25.



em Roma não era diferente. Fruto do modelo administrativo imperial reinava uma acentuada divisão de classes (Rm 12,16), muitos escravos em condições subumanas e famílias da comunidade vivendo de forma precária, entre os estratos mais baixos da sociedade<sup>17</sup>.

A comunidade de Filipos estava localizada na Macedônia. Uma região saqueada pelo Império, caracterizada pela miséria e pela “profunda pobreza”. Entretanto, chama atenção a postura misericordiosa e o desprendimento generoso na participação da assistência aos necessitados em Corinto (2Cor 8,1-15); ou seja, reage àquele mecanismo de não misericórdia revelando misericórdia. Esta atitude, seguramente, autenticava e viabilizava o desafio paulino quanto à compaixão, mesmo em um contexto contrastante.

#### 4. A misericórdia nos moldes da religião no primeiro século

Além da impiedade advinda do Império Romano, os povos conquistados estavam à mercê da violência promovida pela religião institucionalizada. O agravante, neste caso, era a figura divina atrelada aos detentores do poder, já que desde a Antiguidade o Oriente considerava os soberanos como filhos dos deuses. Homens importantes podiam ser elevados da condição humana à divina e serem venerados como tais. Eles recebiam poder, honra, e leis de proteção para governar o povo. Suas ações eram então legitimadas pela função que assumiam, tornando-os intocáveis e inquestionáveis.

Esta tática alcançava sucesso graças ao poder simbólico da religião para a vida do povo. Ainda que atrocidades fossem cometidas, eram cometidas em nome da vontade de uma divindade, formulada no discurso de um Imperador. Certos disso, os poderes religiosos e políticos usavam desse tipo de artifício para alcançar seus objetivos, isto é, ludibriavam o povo e encontravam espaço para a manutenção de suas práticas usando o sagrado como referencial.

De maneira geral, as divindades assumidas pelo Império Romano eram retratadas como impiedosas. Característica, portanto, que autenticava o comportamento sem compaixão dos imperadores, especialmente com aqueles que eram, injustamente, rotulados como insubmissos. Nesse contexto, a antítese de Paulo a respeito de um Deus misericordioso foi, sem dúvida, surpreendente e emblemática. Seres humanos, mercedores de sua ira, encontraram, ao invés disso, *'éleos* (misericórdia). A resposta do Deus Pai à desobediência humana é misericórdia e compaixão e não aniquilação.

Outro ponto que merece destaque é que a ação de uma divindade estava condicionada por um sistema articulado pela lógica da retribuição. A bênção,

17. A leitura de Romanos 12 é significativa para melhor compreender este assunto.

portanto, é retida até que seja merecida. O merecimento, neste caso, era conquistado por meio de um complexo mecanismo de sacrifícios. Sacrifícios, é claro, economicamente rentáveis ao poder estabelecido. A teologia paulina contrapõe mais uma vez o pensamento vigente. O Deus Pai, cuja natureza é compassiva, usa de “misericórdia” para com todos, livre de qualquer postura condicionante. Além disso, evidencia o caráter longânimo de Jesus Cristo e demonstra o compromisso do Senhor em não negar a si mesmo. Isto é, o Deus que é rico em misericórdia reage à condição humana usando de misericórdia.

A misericórdia e o amor não são uma novidade cristã paulina. Theissen lembra que o conceito de amor ao próximo, por exemplo, já se encontrava no Antigo Testamento (cf. Lv 19,18) e, automaticamente, no judaísmo. O autor entende que esse amor liga-se a um “etos de misericórdia oriental comum, que vale para fracos, as viúvas e os órfãos, portanto, para pessoas que não possuem condições ou marginais”<sup>18</sup>.

A religião judaica, todavia, contrariava seus próprios fundamentos, através de interpretações questionáveis da Lei. Muitos valores legais, que serviam para o cuidado misericordioso e como fonte restauradora da vida, foram se transformando em legalismos e fardos pesados sobre a vida das pessoas. É para o cuidado com o próximo que a prática da Lei deveria apontar, e não para ações impiedosas contra o mesmo, do modo como estava acontecendo.

O não cumprimento da Lei não levava em conta o contexto do infrator e os motivos que o levavam a agir assim. Não havia sensibilidade e análise crítica para perceber que a situação ou atitude do transgressor era, normalmente, determinada pela estrutura vigente e nem sempre por decisão voluntária. Com isso, o réu era considerado culpado, sem qualquer piedade. A pena era: exclusão; uma consciência perturbada; e, para piorar, a certeza de que sua condição era fruto de maldição divina. Maldição esta superada apenas com a submissão a certos ritos, nem sempre acessível a todos, para expiação de suas ofensas e atendendo aos critérios de uma religião fundamentada na meritocracia.

A dificuldade em questionar a imposição farisaica quanto à Lei estava no valor simbólico dado à religião. No imaginário do povo, a prática da Lei estava acima de qualquer suspeita já que representava a vontade de Javé. Por isso, qualquer contestação ou até mesmo protesto se traduzia em rebelião contra o Senhor. A releitura paulina, a partir do Verbo encarnado, denuncia uma imagem distorcida do caráter de Deus, revelando-o, em contrapartida, como compassivo, perdoador e misericordioso. A Lei não estava sendo banida, antes era submetida ao maior de todos os mandamentos: o amor.

18. THEISSEN, G. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 99.

### Considerações finais

É instigante perceber qual a proposta de misericórdia, nos discursos de Paulo, tenha sido construída em um ambiente hostil no qual a compaixão/misericórdia, conforme anotada anteriormente, certamente, não era a palavra de ordem. Por outro lado, é necessário reafirmar a vocação do Evangelho, desde sua gênese, com Jesus de Nazaré. As boas-novas surgiram como anúncio de caminhos alternativos, de não conformismo ao que estava estabelecido, a partir dos fundamentos do Reino dos Céus. O discurso de Paulo, portanto, foi subversivo e procurou responder a um modo de vida sem compaixão e impiedoso. Ao falar de piedade/misericórdia em um contexto de impiedade/não misericórdia estava legitimando o Evangelho, a partir de sua natureza e atribuições.

A leitura que fez de sua realidade, respondendo-a com a afirmação de um Deus misericordioso, e que estabelece as relações humanas a partir da misericórdia, deve ressoar na atualidade. Principalmente quando contraposta ao mundo segundo sua atual conjuntura. As instituições e suas justificativas violentas não são as mesmas, claro, mas o coração sem compaixão, as divindades impiedosas e as implacáveis estruturas de poder permanecem. A misericórdia deve ser, portanto, um desafio à caminhada de fé e um estímulo à Igreja cristã que, inconformada com este século, reage em obediência à palavra de Deus entendendo que: (1) “nada em seu anúncio e em seu testemunho para com o mundo pode carecer de misericórdia”; (2) “sua credibilidade passa pelo caminho do amor misericordioso e compassivo”; (3) “sua missão evangelizadora deve ser essencialmente anúncio do amor, da misericórdia e do perdão de Deus”<sup>19</sup>.

### Bibliografia

- BINGEMER, M.C.L. (Org.). *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.
- BÍBLIA. *Revista e Atualizada no Brasil*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BÍBLIA. *O Novo Testamento Grego: introdução em português e dicionário grego-português*. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BROWN, C.; COENEN, L. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- COMBLIN, J. *Epístola aos Colossenses e epístola a Filêmon*. Petrópolis: Vozes, 1986.

19. FRANCISCO. *Ano Santo da misericórdia: 100 textos para meditação*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 119-121.

FRANCISCO. *Ano Santo da misericórdia: 100 textos para meditação*. Petrópolis: Vozes, 2016.

HOEFELMANN, V. Sociologia das comunidades de Paulo: Corinto, contradições e conflitos de uma comunidade urbana. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 25, p. 21-33, 1996.

LOUW, J.P.; NIDA, E.A. (Eds.). *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

REIMER, I.R. *Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

ROBINSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

THEISSEN, G. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

*Flávio Henrique de Oliveira Silva*  
Rua Martinho Lutero, 277 – Gleba Palhano  
86055-670 Londrina, PR  
flavio@ftsa.edu.br